

84
A L I V I O

NAS LAGRYMAS
COM AS FELICES MELHORAS
DO SERENISSIMO SENHOR

D. ANTONIO

Infante de Portugal,

QUE DEDICA, E CONSAGRA REVERENTE

AO MESMO

SERENISSIMO SENHOR

O PADRE

ANTONIO DE S. JERONYMO

JUSTINIANO

LISBOA OCCIDENTAL:

Na Nova Officina ALMEYDIANA

MDCCXXIX.

Com todas as licenças necessarias.

ALLIUM

IN S. J. M. S.

IN S. J. M. S.

IN S. J. M. S.

IN S. J. M. S.

IN S. J. M. S.

IN S. J. M. S.

IN S. J. M. S.

IN S. J. M. S.

IN S. J. M. S.

IN S. J. M. S.

IN S. J. M. S.

5
85
A L I V I O

NAS LAGRYMAS
COM AS FELICES MELHORAS
DO SERENISSIMO SENHOR

D. ANTONIO

Infante de Portugal,

QUE DEDICA, E CONSAGRA REVERENTE

AO MESMO

SERENISSIMO SENHOR

O P A D R E

ANTONIO DE S. JERONYMO

J U S T I N I A N O.

LISBOA OCCIDENTAL:

Na Nova Officina A L M E Y D I A N A.

c l o l o c c x x x i x .

Com todas as licenças necessarias.

ALIVIO

COM AS FELICES MELHORAS
DO SERENISSIMO SENHOR

D. ANTONIO

Infante de Portugal,

QUE DEDECA A CONCORDIA RELEVANTE

AO MESMO

SERENISSIMO SENHOR

O PADE

ANTONIO DE S. JERONIMO

JUSTITIA N. O.

LISBOA OCCIDENTAL:

M. Nova Officina A. L. M. E. Y. D. I. A. N. A.

Com todas as necessarias
e de lo cexxix

DEDICATORIA.

SERENISSIMO SENHOR.

JA houve quem disse magoado, e da sua pena opprimido, que só o silencio podia ser fiel testemunha da sua magoa, que na esfera da voz mal podia caber, nem ainda no que não podia articular. O mesmo digo SERENISSIMO SENHOR a V. A. não só da parte de toda a Corte, como de todo o Reyno no sentimento, que deplorava, pela queixa de V. A. tão sentida.

Este sentimento inexplicavel (que se fazia

da parte da dor, que muda entre os suspiros; quando podendo entre elles respirar, nunca bem os podia exprimir) julgo eu tambem o gosto, e o alivio recebilo no applauso, com que festejaraõ todos, os que sentiraõ as dezejadas melhoras, que V. A. goza felicissimas.

Naõ pareça hiperbole do alivio, e do gosto, serem sinonimos com os pezares, em quanto ao explicativo, porque já houve quem entre as alegrias, e alivios de hum gozo, pelos applausos de hum triunfo, rendeo a vida, fazendo-a victima da Parca, a que se podia gloriar de ser vivente simulacro para estimaçoens da fortuna.

Aquella rara Romana, que vendo entrar pelas portas da altiva Roma laureados de vencedores, rodando em carros triunfaes, tres Filhos, entregue a hum desmayo, sacrificou ao mesmo os vitaes alentos; e se da alegria, e do gosto nascem estes tyrannos effeitos, como se foraõ da dor produzi los, e da magoa originados, qual serà a voz por mais elegante, que se considere, que o gosto saiba explicar, nem já mais exprimir.

Esta a razãõ, porque digo a V. A. que as alegrias, e o gosto com que toda a Corte festeja de V. A. as grandes melhoras, correm o mesmo parallelo com que sentia a sua queixa; esta emmudecia a voz para explicar-se, a outra tambem por grande suspende a explicaçaõ agora à lingua para dizer-se.

Animo-me

Animo-me a offerecer a V. A. estas metri-
cas expressoens do alivio, e da pena, pelas vozes
das lagrymas com alivio, ou o alivio nas lagry-
mas, fiado na alta benignidade, com que V. A.
favorece, e ampara aos humildes.

Disse o que pude magoado, e o quanto pu-
de gostoso com as plauziveis melhoras de V. A. que
Deos Nosso Senhor prospere por muitos annos, e
guarde para gloria deste Reyno.

OP. Antonio de S. Jeronymo Justiniano.

AO LEITOR.

Discretissimo Leitor ; sei , que sentiste muito a grande queixa , que o nosso Serenissimo Infante o Senhor D. Antonio padecia , por ser hum dos mais amaveis empregos da nossa veneração : tambem sey , que te devo muito ; pois sempre aceitas os meus rudes metros , como sabio , pois me desculpas os erros.

Por este respeito fiz estudo por te dar ao sentimento , que tiveste , algum alivio , que muitos teràs com as melhoras do preexcellso Infante , amavel objecto de todo Portugal ; o alivio fiz muito por ser adequado à pena ; quando te agrade terey mais , que te dever humilde.

VALE.

L I C E N C A S. DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Alberto de S. Jo-
zè Col , Religioso de Nossa Senhora do
Carmo , Qualificador do Santo Officio , &c.*

E M I N E N T I S S I M O S E N H O R .

E Ste papel intitulado *Alivio nas Lagrymas
com as felices melhoras do Serenissimo Senhor
D. Antonio Infante de Portugal* , que com-
pôs, e pertende dar ao Prêlo o Padre Anto-
nio de S. Jeronymo , Capellaõ do Coro de
Nossa Senhora do Loreto , não contém cousa
opposta à nossa Santa Fè , ou bons costumes ,
antes com elle porà o Author fim ao justo sen-
timento , que toda esta Corte , e Reyno , e
ainda as Nações estranhas conceberaõ na gra-
ve molestia , que o Serenissimo Infante
padezia , por concorrerem nelle todos os pre-
dicados , que constituem hum bom Principe ,
e digno de ser amado tanto pelo docil do ge-
nio , como pelas grandiosas acçoens , que con-
tinuamente

tinuamente exercita com os que se valem da
sua Real piedade, distinctivo certamente de
Principe, e grande Principe. Carmo de Lis-
boa Occidental 18. de Junho de 1739.

Fr. Alberto de S. Joze Col.

Vlsta a informaçõ, pòde-se imprimir o
papel intitulado *Alivio nas Lagrymas*; e
depois de impresso tornarà para se conferir, e
dar licença para que corra, sem a qual naõ
correrà. Lisboa Occidental 19. de Junho de
1739.

Fr. R. Alancastre. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

POde-se imprimir o papel, de que se trata,
e depois de impresso tornarà para se con-
ferir, e dar licença para que corra. Lisboa
Occidental 19. de Junho de 1739.

Gouvea.

DO

DO P A Ç O.

89

Approvaçõ do M. R. P. M. Fr. Manoel de S. Damazo, Religioso de S. Francisco da Cidade da Provincia de Portugal, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

SENHOR.

A Lyra do M. R. P. Antonio de S. Jeronymo Justiniano, ou cante os alegres, e festivos argumentos da *Clio*, ou lamente os lugubres, e tragicos assumptos da *Melpomene*, sempre he acorde, e suave. A saudosa harmonia destes, se admira *na Gloza dos Epicedios*, em que lamenta o sempre deploravel Catastrofe da nossa bellissima Infante, a Serenissima Senhora Dona Francisca: *na Relaçã funeral*, em que sente a lastimosa morte do Excellentissimo, e Reverendissimo Caetano Cavalieri Arcebispo de Tarso, e Nuncio deste Reyno: e no *Enternecido Canto*, em que chora a fatal falta do Illustrissimo, e Excellentissimo Secretario de Estado Diogo de Mendonça, que correm impressos nas mãos, e nas palmas de todos. A suave consonancia daquelles, se admira já impressa na *Miscellania do Parnazo*, que eu por ordem de Vossa Magestade revî, e approvey

em 13. de Agosto de 1736. a não obstar a sympathya , que tem , a indigencia , com a Poezia. Mas primeiro se admirará (com distinta fortuna daquelle) neste festivo , e alegre Canto ; porque ainda , que a Cithara do nosso Poeta não fosse tão harmonica , como he , sendo tão grato aos nossos votos o Assumpto deste Poema , sempre nos havia ser suavissima a sua consonancia. *Alivio nas Lagrymas com as felices melhoras do Serenissimo Senhor D. Antonio Infante de Portugal* : lhedà por Titulo. E neste Titulo , offerece a mayor suavidade aos Portuguezes. São os Portuguezes , entre todos os vassallos do universo , os que mais finamente correspondem no Amor aos seus Soberanos , e por esta razaõ , os que mais cordialmente amaõ aos seus Principes. E este connatural amor , que tem aos seus Principes , he , o que no perigo em que a ardente febre constituhio ao seu *Amante* , e *Amado Infante o Serenissimo Senhor D. Antonio* , lhes extrahio naturalmente do coração fontes de lagrymas aos olhos. Cujas preciosas correntes , foraõ entaõ , tão dignamente derramadas , pelo generoso affecto , que lhe devemos , como agora , pela saude recuperada , que por annos Nestorios lhe dezejamos , gloriosamente suspendidas. Por este germanado principio , Senhor , julgo , que he dignissimo do Prèlo este

este *Alivio* daquellas noffas bem nascidas , e merecidas *Lagrymas* ; para que novamente reconheça o Mundo , que não houve , não hà , nem haverà differença de tempo em que o peito Lusitano senão anime do filial , e fidelissimo Amor dos seus Naturaes , e Sobèranos Principes. Este o meu parecer. V. Magestade mandarà o que for servido. Neste Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa Occidental 28. de Junho de 1739.

Fr. Manoel de S. Damazo.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinario , e depois de impresso tornarà a Meza para se conferir , e dar licença , e sem isso não correrà. Lisboa Occidental 1. de Julho de 1739.

*Pereira. Teixeira. Vas de Carvalho.
Coelho. Costa.*

ALIVIO

NAS LAGRYMAS

COM AS FELICES MELHORAS

DO SERENISSIMO SENHOR

D. ANTONIO

Infante de Portugal.

ROMANCE

HENDECASSYLLABO.

DE *Portugal* o INFANTE, mais *querido*,
 E do REY mais *Augusto*, *Irmão amado*,
 Ceda o impulso da dor, e a magoa ceda,
 Pois já cede da pena o seu estrago.

Toda a *Corte* o chorava internecida,
 Por excesso fatal do iniquo fado,
 E o mostrava nas lagrymas correndo
 Das correntes das lagrymas do pranto.

(Sacrificio do amor sempre o mais fino,
 Foy sempre chorar fino hum magoado
 De ver no idolatrado dos seus olhos,
 As penas do seu bem idolatrado.)

Corrião

2 *Alivio nas Lagrymas com as felices melhoras*

Corriaõ apressadas, e sentidas,
E sentidas corriaõ, sem embargo
De que a pressa as fizesse finas sendo,
O sereni menos finas no embaraço.

Sem alivio corriaõ, mas já agora
Com as *Melhoras* do *objecto* tem descanso,
(Que tambem hà descanso para as penas,
E tem alivio as penas neste caso.)

Eraõ tantas, que já o *Tejo* undoso,
Via no seu Cristal fermoso, e claro,
No continuo das lagrymas, *Mar* era,
E de *Mar* a si o nome estava dando.

Omnia
flumina
intran-
inmare. Que corresse[m] ao *Mar* lagrymas muitas,
Como já eraõ hum *Mar*, naõ causa espanto,
Que sempre hum *Mar* de lagrymas correndo
Vay para o *Tejo*, ou o *Mar* sempre buscando.

Era no largo pranto hum *Mar* de penas,
O mesmo *Tejo*, em *Mar* já transformado,
E que muito, que *Mar* o *Tejo* fosse,
Se no seu largo pranto, era hum *Mar* largo?

Toda a copia das ondas Cristalinas,
Era a copia do pranto, e o seu traslado,
Que tirado das lagrymas correndo,
Vinha o pranto a ser copia, ao *Mar* copiando.
Fluctuava

Fluctuava nas ondas o *amor* fino,
Amante, cuidadoso, e desvelado,
Jà todo desmayado padecendo,
Do seu querido INFANTE, os seus desmayos.

Que *amor* viva nas ondas não me admira,
Pois das ondas nasceo o *amor* tyranno,
Não sey se por mostrar, q̃ aos seus incendios,
Mares de ondas não podem apagalos.

Padecia o *amor*, e padecia
Com o *Inclito* INFANTE, no seu *Paço*;
E hia ao passo da pena *amor* sentindo
Da pena ao mesmo *Passo*, o seu cuidado.

Entre cuidados todo, amante, e afficto,
Estava *amor*, e o *Tejo*, sem descanso,
O *Tejo* já chorando a sua pena,
Amor a sua pena já chorando.

Correm lagrymas tristes de seus olhos,
Pelo *preexcelso* INFANTE, lamentando,
Não sey se as evidencias de huma morte,
Ou as vagas noticias de hum lethargo.

Jà se fazem os olhos na agoa finos
Espelhos de Christal, já retratando,
Os olhos da agoa, sempre com mais agoa,
Sempre à agoa nos olhos, com mais pranto.

Eraõ

4 *Alivio nas Lagrymas com as felices melhoras*

Eraõ as tristezas tantas (sem limite)
Suspiros, e os ays, em copia tantos,
Que os suspiros, e os ays, passavaõ a mares,
As tristezas aos mares, mares dando.

De sentimento o *Tejo* suspirava,
E *amor* ao mesmo tempo, suspirando
Tambem estava, e mais morto parecia,
Que o *mar morto* em o *Tejo* sepultado.

Pelas margens do mesmo hia correndo
O pranto, para o *Tejo* magoado,
Que, como hia correndo de sentido,
Tambem sentir quer quando està parado.

Aqui estava passando o inter necido
As balizas da dor, do tempo o espaço,
Sem poder dar ao tempo a dura pena,
Mais, que lagrymas muitas sem compasso.

Ao compasso da pena, a todo o tempo
Mesclava sempre ao triste do seu canto,
O *Tejo*, já nas Citharas de prata,
Canto triste, nas penas de alabastro.

Que cante quem bem sente, já não affombra,
Pois de hum triste, e faudoso, não he agravo,
Que faz à sua pena, quando canta,
Se quando canta, sempre està chorando.

Este

Do Serenissimo Senhor Infante D. Antonio. 5

Este Canto he o Canto dos saudosos,
Que chorando, só cantaõ por encanto,
De fer o Canto triste de huma pena,
O alivio só de hum triste duplicado.

Cantar, e ao mesmo tempo chorar triste,
Naõ deixa de fer Canto bem meclado,
Jà para a consonancia dos ouvidos;
Com o sonoro Canto dos agrados.

Anima-te, que já esta luz Regia
Està já animando ao Sol, e aos seus rayos,
Melhorando aos mesmos, nas *melhoras*,
Que goza, e gozê em *Lustros* dilatados.

Suspende o pranto triste, e *amor* suspenda
Tambem já o seu pranto triste, dando
Alegres parabens ao INFANTE excelso,
E iguaem os parabens muito ao teu pranto.

Que quem chega a sentir muito, he precizo,
Quando alegre está, ao seu cuidado
Duplicar alegrias, e ao seu gosto,
Pois duplicou ao pezar, pezares tantos.

Corre já *Tejo* alegre em tuas ondas,
Mostrando o Cristal nellas, o extremado
Excesso, que do *amor* nas alegrias,
Por ti corraõ (ò *Tejo*) os seus applausos.

O Canto

6 *Alivio nas Lagrymas com as felices melhoras*

O Canto deixa já, triste, e funesto,
E canta alegres metros a compasso
Do mesmo coraçãõ, cantando alegre;
Sem já mais admitir pauza cantando.

Convida as tuas Ninfas, sempre bellas,
Para este alegre Canto, e decantado
Serà, nesse elemento, todo prata,
E nas vozes de prata do seu Canto.

No liquido das agoas cantem as Ninfas,
E para ser seu Canto, o mesmo encanto,
Devem, pois *Rozas* saõ na fermofura
Cantar ao som do mais flamante *Cravo*.

Cantem, que amor o tange docemente,
Jà com tanta doçura, e suave agrado,
Que suspende de Orfeo a doce Lyra,
E a voz do Thrace, e os eccos do Thebano.

Ora corre já *Tejo* às tuas margens
De Cristal, e veràs o *Real Palacio*
Do teu INFANTE *Adonis*, mais querido,
Jà dando alento à luz, e lustre aos *Astros*.

Suspende a tua dor, e a dor suspende,
Pois suspensa a dor està, e o seu desmayo,
Que ao INEANTE *preexcelso* offendia,
Jà desmayou, e a pena, e o mesmo estrago.
Atrevido

Atrevido o julguey , e ao feu impulso ,
Pela offensa da dor executado ,
Mas vejo , que passou no respectivo ,
A ser a offensa Culto , e o mesmo aggravo.

E quando se vio ser o aggravo Culto ,
Mudando já o offensivo em holocausto ?
Quando em si o mesmo aggravo reconhece ,
Ser *por sublime* o *Objecto* o aggravado.

Aggravo foy do amor ao que presumo ,
Pois sempre este se atreve aos solios sacros :
Das mais radiantes luzes *Magestosas* ,
Que tambem o *Amor* dellas faz feu alvo ,

Sim conheceo ao *Excelso* INFANTE *altivo* ,
Ao disparar do golpe do feu arco
A *setta* , que na pena se animava ,
Por dar ao rigor mais lustre animado.

Voou volante pluma ao mesmo solio
Do mesmo *Sol* , e *Sol* unico , e raro ,
E como *la* se vio com tantas luzes ,
Para o golpe , e ao respeito segue o palmo.

Estas inexplicaveis maravilhas ,
Em as altivas luzes , só alcanço ,
Que ainda quando os desmayos as ecclipsaõ ,
Luzem , como o Sol luz entre os desmayos.
Foy

8 *Alivio nas Lagrymas com as felices melhoras*

Foy arrojo subir ao *Throno excelso*
Do INFANTE *Regio Sol, Sol Lusitano;*
Mas do amor ousadas se desculpaõ,
Que ousadas de amor prendem os agradados.

Mas sempre foy tyranno no arrojo,
Ferindo tanto *Sol*, luzentes rayos,
Que já multiplicados nos incendios,
Muitos vendo-se vaõ multiplicados.

Luzes Regias, e altas nunca podem
No esplendor seu luzido terem *Occaso*,
Que a fortuna lhe dà esta excellencia,
Mais, que às luzes do *Sol*, e dos mais *Astros*.

Naõ podia deixar de suspenderse,
Já do amor tanto impulso temerario,
Se via retratado, no *alto INFANTE*,
Do mais *altivo Rey*, o seu retrato.

E vendo este *Retrato Altivo, e Augusto*,
Magestoso, Excelso, e Soberano,
Se o mundo todo a elle cultos rende,
Como o *amor* deixaria de adoralo?

Ao *excelso INFANTE* se une por fineza,
Para que no *amor* fino transformado
Se visse, a hum só *retrato*, os dous unidos,
Sem serem do *amor* já mais retratados.

Como

Do Serenissimo Senhor Infante D. Antonio. 9

Como deixar podia, vendo tanto,
Elevado ao respeito mais, que humano
Esplendor, mais sublime aonde o respeito,
Ao seu respeito só he consagrado?

Suspendeo o impulso reverente,
E foy no mesmo impulso, adorando
Ja de hum REY, o retrato Magestoso,
Ja no INFANTE, do REY o seu treslado.

O', como amor politico se ostenta,
E politico anda neste caso?
Mas quando deixou amor, ainda q̃ INFANTE,
De saber, que dos Reys, são inda vassallos.

Festeje (em fim) o amor, e o Tejo undoso,
Em repetidos jubilos, e applausos,
As melhoras do INFANTE sempre excelso,
Que ao Sol, q̃ he REY das luzes, está copiando,

Continuem no Canto as Ninfas bellas,
A dar ao Canto mais, o alegre ao Canto,
Pois vem ao Regio INFANTE, encanto altivo
Subir ao Sol, retrato do Sol claro.

Feniz ferà das luzes, como Feniz
Pareceo ser na queixa ao Feniz raro,
Pois este morre, quando refuscita,
E quando refuscita, vay espirando.

Este

10 *Alivio nas Lagrymas com as felices melhoras*

Este prodigio raro, e maravilha,
Sempre eu nelle a julguey, e agora alcanço,
Que he, porque o *Fenix* raro ao *Sol* busca
Nos seus rayos o alento, ao seu desmayo.

Respira dos incendios onde acaba,
E forma nelles mesmo respirando,
Nova vida vivendo dos incendios,
Do mesmo incêdio a vida ao incendio dando.

Todo ao *Sol* se dedica amante, e fino,
E a toda a luz do *Sol* he dedicado;
Pois se o INFANTE por *Fenix* ao *Sol* busca,
Respire fino amante nos seus rayos.

Claudi-
no.
Ut folis
miren-
tur avé.

Na mesma *Ara*, e no *Templo* do *Sol Regio*,
Se via o INFANTE estar sempregozando,
No preexcelso esplendor já todo o alento,
Quando entre tantas luzes desmayado.

Affim o *Fenix* preclaro folicita,
A grande *Ara* do *Sol*, quando acabando
Vay a vida, no mesmo incendio activo,
E do incendio respira ao mesmo passo.

Vivey, pois, ò *alto* INFANTE, e o *Sol* viva,
E vivas dem ao *Sol*, e a vòs, os *Astros*,
Repetindo o *Amor*, *Ninfas*, e o *Tejo*,
O *Sol*, e o INFANTE viva, muitos annos.

FINIS. SOLI DEO HONOR, & GLORIA,

de Alas... (mirrored text)

Elle prodigiosa... sempre en... Que de... (mirrored text)

Respira dos... E forma... (mirrored text)

Y do as... E a toda... (mirrored text)

...
...
...
...
...

Ho meina... (mirrored text)

Quando... (mirrored text)

... (mirrored text)

... (mirrored text)

... (faint text at the bottom)

10 *Alma nas Lagrimas em as fôrças melhoras*

Elle prodigio raro, e maravilhoso,
Sempre invelle a vigues, e agora alcanço,
Que he, porque o Fenix raro ao Sol busca
Nos seus raios o alento, ao heo desmaiado.

Respira dos incendios onde se cria,
E forma nelles mesmo ressurando,
Nova vida vivendo dos incendios,
De muitas incêndios a vida no incendio dando.

Tudo ao Sol se dá a vida, e a luz,
E a vida e luz do Sol se dedicando,
Pois se o INFANTE por Fenix ao Sol busca,
Respire heo amante nos seus raios.

Chad-
no
de fôrça
e de
coração

Na minha vida, ao no Tendo do Sol Pôrto,
Se via a vida do Sol, sempre gozando,
No exercicio esplendor ja todo o alento,
Quando entre tantas luzes desmaiado.

Assim o Fenix precioso Glicia,
A grande vida do Sol, quando se criando
Vive a vida, no mesmo incendio activo,
E do incendio respira no mesmo puto.

Vivey, pois, o INFANTE, ao Sol vive,
E vem dem ao Sol, e a vida, ao offrer,
Repetindo o Deus, Nufans, e o Tejo,
O Sol, e o INFANTE vive, milhorando.
FINIA SOLI DEO HONOR, & GLORIA.



